

Geo-Estratégia Em Mudança

por Mário Soares

Bush está no fim. Os Estados Unidos, felizmente, perderam as ilusões. As múltiplas crises que a globalização neo-liberal, sob a hegemonia norte-americana, têm gerado, desacreditaram o sistema: o unilateralismo internacional, com a América do Norte, polícia do Mundo - e a consequente marginalização das Nação Unidas - pertencem ao passado.

Assistimos ao nascimento de um outro mundo: multilateral, com vários países e blocos emergentes, concorrentes entre si, eventualmente conflituais, mas sujeitos às mesmas crises - terríveis, deste início de século - e esperemos que se possam entender para lhes fazer face. Vivemos no mesmo Mundo. O senso comum exige-o. A opinião pública global começa a emergir e a ser actuante.

A crise toca-nos a todos, quase por igual. Sejam as alterações climáticas e as desordens ecológicas do Planeta, seja a crise alimentar e o espectro da fome, seja a desregulação internacional, o terrorismo, os fanatismos religiosos, o acréscimo da violência ou a carência gritante de umas Nações Unidas, incapazes de se reestruturar, na fidelidade à sua Carta, à Declaração Universal dos Direitos Humanos e dos Objectivos do Milénio.

A América do Norte, a cinco meses da escolha de um novo Presidente, suscitou no Ocidente uma pausa reflectiva, que esperemos seja criadora. A União Europeia que podia - e devia - antecipar-se, continua paralisada, dada a mediocridade e falta de audácia dos seus principais dirigentes. Sem rumo nem vontade.

Pelo contrário, a Ibero-América, tantos anos esmagada pela "colonização" do vizinho do Norte, passada a época das ditaduras dependentes, instruídas pelos chamados "boys de Chicago", aproveitou os anos da distração provocados pela guerra do Iraque, para consolidar as suas democracias e emergir em força.

A variedade ibero-americana, na unidade de duas línguas em expansão, que podem entender-se entre si - o espanhol e o português - tem sido um factor de riqueza, com a inovação e o génio criador dos respectivos povos mesclados: brancos, índios, negros, mulatos, asiáticos. O Brasil que é um colosso, pela largueza e riqueza do território, pela densidade populacional e pelo génio do seu Povo, é um exemplo, nos últimos anos, de progresso e de boa governação. O México, outro país emergente, na fronteira dos Estados Unidos, busca um equilíbrio e uma independência económica ainda não completamente atingidos. A Argentina, o Chile, o Uruguai, diversificam as suas alianças e têm hoje relações comerciais significativas com novos investidores como: a China, o Japão, o Canadá, sem esquecer obviamente a Europa.

Venezuela, com as maiores reservas petrolíferas do Mundo, irrita especialmente a administração Bush, com a qual Hugo Chávez não tem sido especialmente meigo. Tem criado uma rede de solidariedades que vai de Cuba, na complexidade da fase pós-Fidel, à Bolívia de Evo Morales, um indígena à frente de um Estado ibero-americano, ao Equador, ao Paraguai, ao Haiti e à Nicarágua, sob o signo do chamado "socialismo bolivariano". E tem relações económicas relevantes, não apenas no plano energético, com a Rússia, a China, o Canadá e o Irão.

Na União Europeia, é com a Península Ibérica - Portugal e Espanha - que a Venezuela se tem entendido melhor. É natural. As raízes contam. Mas outros países europeus estão a procurar desenvolvê-las. Zapatero, no encontro de Lima, fez as pazes com Chávez, transmitindo-lhe uma mensagem apaziguadora do Rei. Foi importante. A Senhora Merkel seguiu o exemplo. A geo-política global está em mudança, regressando aos valores éticos essenciais.

Bem agiu José Sócrates quando, acompanhado de ministros, empresários e técnicos, fez uma visita histórica a Caracas, altamente produtiva para Portugal. Para além de tudo o mais - que é muito - temos cerca de seiscentos mil portugueses a viver e trabalhar na Venezuela...

Lisboa, 21 de Maio de 2008